

Nenhum perigo ha maior do que uma liberdade sem guia, porque pode cair em todos os abusos que de outro modo seriam impossiveis. Em baixo, está o determinismo e as conciencias mais presas á materia são menos livres do que aquelas que, por terem evolvido, se emanciparam das suas leis fatais. E' justo que somente a uma sabedoria maior corresponda maior liberdade e a esta maior responsabilidade (e gravidade de perigos e de consequencias). De tal sorte, o livre arbitrio é relativo, gradual e evolve com a conciencia e tambem relativa e progressiva é a responsabilidade das proprias ações. *Na materia está a escravidão; no espirito as sendas da liberação.*

### LXVII — A prece do viandante.

Pára, oh! alma, que abatida te encontras á orla da estrada, detem-te um instante no eterno caminho da vida, depõe o fardo das tuas expiações e repousa.

Vê como é cheia de harmonia a obra de Deus! Suave e grandiosa musica emana do ritmo dos fenomenos. Através das formas exteriores, os dois misterios, o da alma e o das coisas, se observam e sentem um ao outro. Da sua profundeza o teu espirito ausulta e comprehende. Da visão das obras de Deus resultam a paz e o olvido. Diante da divina beleza do criado, aplaca-se a tempestade do coração. Paixão e dor adormecem num cantico sem fim, lento e dulcuroso. Dir-se-ia que a mão de Deus, através das harmonias do universo, faz perpassar sobre a tua fronte prostrada de cansaço uma como reconfortante brisa e te ampara com uma caricia. Beleza, repouso d'alma, contacto com o divino! Então, o viandante exhausto se reanima por um renovado pressentimento da sua méta. Deixa de ser longo o caminhar e menos distante se torna o ponto a atingir, quando por um instante o viajor pára e se abebera na fonte. Aí, a alma contempla, por antecipação, e de novo se ergue. Com o olhar dirigido para o Alto, mais facil se lhe faz o prosseguir na fadigosa jornada.

Pára, na tua via dolorosa; enxuga a tua lagrima e escuta. E' imenso o cantico, baixam do infinito as harmonias, a beijar-te a fronte, oh! extenuado caminheiro da vida. A par do som das vozes titanicas do universo, sussurram, num rendilhado de belezas, as brandas vozes das humildes criaturas irmãs. "Tambem eu, tambem eu", clama cada uma delas, "sou filha de Deus e luto e sofro, trazendo a minha cruz e me proximo da vitoria; tambem eu sou vida, na grande vida do Todo". E tudo, do fragor da tempestade ao canto matutino do Sol, do sorriso do recem-nato ao grito dilacerante da alma, tudo de si fala, na voz que lhe é propria, em harmonia com as vozes irmãs; tudo exprime o seu misterio intimo; cada sér exterioriza o pensamento de Deus. Quando a

dor morde as mais delicadas fibras do teu coração, ouves uma voz que te diz: *Deus*. Quando a caricia do crepusculo te adormenta do sono calmo de todas as coisas, diz-te uma voz: *Deus*. E a estupenda visão supéra toda dor.

Pára, escuta e ora. Estende os braços para o criado e com ele repete: "Deus, amo-te". A tua prece, não mais desanimada admiração do poder divino, é agora mais elevada: é amor. E' a prece melodiosa, a evolar-se como um cantico que a alma repete e que ecoa de vale em vale pela terra inteira, de onda em onda pelos mares, de estrela em estrela pelos espaços infinitos. E' a sublime palavra de amor, que as colossais unidades do universo redizem, em uníssono com a sumida voz do ultimo inseto, que timido se esconde na erva. Sumida parece, mas, no entanto, a ela tambem Deus conhece, recolhe e ama. No infinito do espaço e do tempo, essa a força unica, imensa onda de amor, que tudo mantem conjugado, num harmonioso desenvolvimento de forças. A visão suprema das coisas ultimas, da ordem em que avançam todas as criaturas, só ela dará um sentimento de paz, de paz verdadeira, de paz profunda, de alma saciada, porque vê a sua mais alta méta.

Assim, ainda maior se te apresenta Deus, do que no seu poder de Criador; apresenta-se-te na potencialidade do seu amor. Expande-te, alma; não temas. E' bondade o novo Deus da boa nova do Cristo. Não mais os vingadores raios de Jupiter e sim a verdade que convence, a caricia que ama e perdoa. O abismo infinito que desalentado contemplas, ali não está para tragar-te na treva do misterio; ele se enche de luz e das suas profundezas emerge, sem fim, o hino da vida. Lança-te com confiança, porque esse abismo é amor. Não digas: ignoro; dize: amo.

Ora, ora, em presença das ilimitadas obras de Deus; diante da terra, do mar, do céu. Pede-lhes que te falem de Deus; pede aos efeitos a voz da causa; pede ás formas o pensamento e o principio que as anima todas. E todas as formas se te aglomerarão em torno, te estenderão fraternos os seus braços; olhar-te-ão com mil olhos feitos de luz, e o eterno porvir da vida te envolverá qual caricia. E as mil vozes te dirão: "Vem, irmão, sacia o teu olhar interior, ganha forças na visão sublimada. E' grande e bela a vida e sempre digna de ser vivida, mesmo na dor mais atroz e tenaz". E te tomarão das mãos bradando: "Vem, transpõe o limiar e encara o misterio. Vê: não podes morrer; morrer, nunca, nunca. A tua dor passará e, por virtude dela, subirás e o resultado permanecerá. Não temas a morte nem a dor. Elas não são nem um fim, nem um mal: são o ritmo da renovação e o caminho das tuas ascensões. A vida é um cantico interminato. Canta conosco, canta, com a criação toda, o infinito cantico do amor".

Ora, assim, oh! alma fatigada: "Senhor, bendito sejas, sobretudo pela dor irmã, que de ti me aproxima. Prostro-me

diante da tua obra imensuravel, mesmo que a minha parte nela seja o cansaço. Nada te posso pedir, porque tudo na Tua criação já é perfeito e justo, mesmo o meu sofrer, mesmo a minha imperfeição, que desaparecerá. No posto do meu dever, aguardo a minha maturação. Busco repouso em contemplar-Te".

Corresponde, oh! alma, ao abraço imenso e verdadeiramente sentirás Deus. Se a inteligencia dos grandes se prostra e venéra, e se achega ao divino para percorrer as sendas fatigantes da mente, o coração dos humildes chega a Deus, pelas sendas da dor e do amor. Sente-o pelas veredas dessa mais profunda sabedoria.

Ora assim, oh! alma exausta. Deita-Lhe no regaço a cabeça e repousa.

#### LXVIII — A grande sinfonia da vida.

Consideremos de novo as harmonias da vida, no seu mais profundo aspecto científico. E' sempre, ainda aqui, uma contemplação da beleza divina. A visão estética nutre e eleva, do mesmo modo que a visão conceptual, que vos dá a chave daquela beleza, pois que fé, arte e ciencia são um só canto, no seio da mesma harmonia. O mundo biológico é todo um edifício de maravilhosa arquitetura, é um organismo de correspondências e permutas; é uma sinfonia constituída de harmonias e equilíbrios perfeitos.

Vimos que os elementos com que a vida compõe a sua veste orgânica, ao mesmo tempo expressão e elaboração de psiquismo, são hidrogenio, carbono, azoto e oxigenio, existentes na atmosfera, em grande abundância, no momento das geneses. Esses os corpos que de novo encontrais como *elementos organógenos*, na estrutura plástica, nestas proporções: Carbono 53%; Oxigenio 23%, Azoto 17%, Hidrogenio 7%. Tambem os encontrais em o corpo humano, nestas aproximativas proporções (tipo medio): Oxigenio, 44. kg., Carbono, 22 kg., Hidrogenio, 7 kg., Azoto, 1 kg., etc. Todos os compostos orgânicos se constroem com estes elementos que, na grande mobilidade dos edifícios químicos da vida, circulam numa incessante permuta. O material orgânico é coletivo, circulante, qual uma corrente, por organismos comunicantes, como patrimônio comum em que todos os seres se abeberam, afim de construir cada um para si a forma mais apropriada à expressão e ao desenvolvimento do proprio psiquismo.

A planta é a máquina propria e especial para a construção desse material orgânico, por meio daqueles quatro elementos. Vimos que a vida surgiu no regaço das águas. As primeiras plantas, gelatinosas e flutuantes nos mares, começaram a operar a síntese dos materiais orgânicos com os do mundo inorgânico. O ma-

ravilhoso quimismo das folhas verdes iniciou a transformação da matéria morta em matéria viva, captando e armazenando ao mesmo tempo a energia da grande fonte solar. Encetada a construção da matéria viva, entrou esta a aumentar constantemente e a acumular-se, a enriquecer o patrimônio coletivo, que depois entraria em circulação nas trocas reciprocas entre vida vegetal e vida animal.

Observai que maravilhoso equilíbrio! Enquanto que as plantas dispõem de poderes construtivos e desempenham a função de acrecer a massa dos produtos orgânicos do planeta, os animais vivem da destruição desses produtos, utilizando-se, para entretenimento de suas vidas, da energia solar fixada pelas plantas no material orgânico que elas construiram. A planta produz, o animal consome; são duas máquinas com funções opostas e inversas. A planta forma a matéria orgânica, o animal, por um processo de lenta combustão, vai demolindo a construção, restituindo o material às suas condições primitivas. Assim, o primeiro processo, que é de síntese, se equilibra com o segundo, complementar, de decomposição.

A' planta, pois, pertence a glória de haver realizado o trabalho da primeira construção orgânica, sem o que a vida animal superior não teria podido formar-se e subsistir. Ainda hoje, deveis a vossa vida à obra construtiva das plantas. No estado natural, os elementos químicos fundamentais da vida só se encontram juntos, combinados, isto é, carbono e hidrogenio unidos ao oxigénio sob a forma de anhidrido carbonico ( $CO_2$ ) e agua ( $H_2O$ ). A planta é a máquina que executa o trabalho de separar do oxigénio o carbono e o hidrogenio. Na molécula de anhidrido carbonico, composta de um átomo de carbono e dois de oxigénio, a planta deixa livre no ar o oxigénio e assimila o carbono. Na molécula d'água, construída de dois átomos de hidrogenio combinados com um de oxigénio, ela, igualmente, deixa livre no ar o oxigénio e assimila o hidrogenio.

No animal, é inverso o processo. Na respiração, torna ele a combinar o oxigénio com o carbono e o hidrogenio e o restitue assim combinado, sob a forma de anhidrido carbonico e agua. Desse modo, animais e plantas executam inversamente seus respiros e pela compensação continua das funções inversas, é mantido o equilíbrio. Esse antagonismo de funções vegetais e animais permite que a vida possa prolongar-se indefinidamente. Tambem na vida, nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma. Aí tendes uma nova confirmação do princípio geral, segundo o qual nenhum fenômeno jamais se move numa direção unica, retílinea, mas em direção ciclica, com inversões e retornos sobre si mesmo. Na química da vida, igualmente, o que nasce morre e o que morre renasce.

Imaginai que imensa força de construções vitais não se ha tornado a terra com o progressivo expandir-se das plantas pelos continentes emersos. Ilimitados mares de verde substância trabalham sem pausa na construção da matéria prima de que depois se-